

(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden

Aline Maisa Lubenow*

Elisandra Forneck**

Resumo: Este estudo tem como finalidade analisar o cemitério Jardim Parque do Éden, localizado no município de Chapecó-SC. Buscamos problematizar algumas questões pertinentes ao tema como sepulturas, imagens, organização do espaço do cemitério e refletir sobre o contexto da morte na atualidade. Partindo de uma análise da morte na Idade Média e dos cemitérios “tradicionais”, buscamos conjecturar sobre a imagem que as pessoas fazem desse espaço e da morte e dialogar com a experiência que tivemos ao visitar o Parque Jardim do Éden, conversando com diversos autores que possuem algumas de suas pesquisas voltadas à problemática como Ariès, Elias e Foucault.

Palavras-chave: Cemitério-parque, morte, Parque Jardim do Éden, sepultura.

Abstract: This study aims to analyze the cemetery Garden of Eden Park, located in the municipality of Chapecó-SC. We seek to discuss some issues related to the theme as graves, images, spatial organization of the cemetery and reflect on the context of death today. Based on an analysis of death in the Middle Ages and the "traditional" cemeteries, seek conjecture about the image that people make that space and death and dialogue with the experience we had when visiting the Garden of Eden Park, talking to several authors have some of their researches the issue as Aries, Elias and Foucault.

Keywords: park-cemetery, death, Parque Jardim do Éden, sepulture.

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da (re) configuração do sentido da morte, do cemitério como espaço de “cultivo” da memória e dos novos modelos cemiteriais em formato de parques, tendo como objeto de pesquisa o Cemitério Parque Jardim do Éden, localizado no município de Chapecó – SC.

Chapecó é uma cidade localizada na região oeste de Santa Catarina, fundada em 1917, com aproximadamente 180 mil habitantes, que tem sua economia baseada na produção agroindustrial, também conhecida como polo regional de saúde, educação, trabalho, serviços e

*Aline Maisa Lubenow – Historiadora, especialista em História Regional pela UFFS/Chapecó, mestranda em História das Ciências e da Saúde pela COC/FIOCRUZ. Email: alinemaisaa21@gmail.com

** Elisandra Forneck – Historiadora, especialista em História Regional pela UFFS/Chapecó, mestranda em História Cultural na PPGH/UFSC. Email: eliforneck@gmail.com



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

negócios¹. A origem étnica de sua população é bem diversa: índios, caboclos, migrantes do Rio do Grande do Sul, descendentes de italianos, de alemães, de poloneses, entre outros. Além disso, como atrativo regional, muitos dos seus habitantes vêm dos mais diversos municípios da região, motivados pelas universidades ou por questões de trabalho².

O cemitério que aqui analisaremos é um dos poucos na região em formato de parque e se localiza numa área afastada 3 km do centro da cidade. Na época em que foi lançado o empreendimento, em 1984³, o local era distante do centro da cidade. Hoje em dia é relativamente perto. A tranquilidade e a natureza que predominam na paisagem do mesmo, como podemos visualizar na foto 01, nos fazem vê-lo nitidamente como um local de descanso, onde o frenesi da cidade não “perturba” o descanso dos mortos. A exaltação da natureza encontramos também em um dos primeiros folders⁴ do cemitério parque. “Uma área verde de 60.000m², ricamente arborizada e gramada, totalmente fora dos padrões de cemitérios tradicionais, vai proporcionar toda a tranqüilidade espiritual tão necessária àqueles que ficam com o propósito de minimizar seu sofrimento”⁵.

¹ Dados do IBGE, 2010.

² Para conhecer mais sobre a colonização do oeste de Santa Catarina, sugerimos algumas referências. RENK, Arlene. *Sociodicéia às avessas*. Chapecó: Grifos, 2000. VICENZI, Renilda. *Mitos e histórias da colonização do Oeste Catarinense*. Chapecó: Argos, 2008. WERLANG, Alceu Antonio. *Disputas e ocupação do espaço no Oeste Catarinense*. Chapecó: Argos, 2006. NODARI, Eunice Sueli. *Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009. 222p

³ Informação fornecida pelo setor administrativo do Jardim do Éden

⁴ Folder sem data.

⁵ Folder institucional, sem data.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

Foto 01: Vista parcial da entrada do Cemitério Parque Jardim do Éden.



Fonte: arquivo pessoal das autoras. Imagem registrada em 12/12/2012.

Os cemitérios em geral são considerados lugares assombrados, sinônimo de tristeza e de medo; evita-se passar em frente, ou de morar perto. Pode-se dizer que este imaginário sobre os cemitérios é construído com o auxílio do cinema, em produções cinematográficas que, em sua maioria, retratam os cemitérios como espaços lúgubres, assombrados por fantasmas, por almas que penam sem rumo, e que são representados com capacidade de fazer “o mal” aos vivos. Enfim, filmes do gênero de terror ou suspense se utilizam do cemitério para suas produções que tendem a provocar temor e constroem estigmas negativos desse espaço.

Na coletânea organizada por Bellomo (2000), que fala sobre os cemitérios no Rio Grande do Sul, o pesquisador afirma que é possível enxergar nos cemitérios o reflexo dos valores, das crenças, das ideologias, das estruturas socioeconômicas e de poder das sociedades. Defende ainda o autor que:

Ao longo tempo as sociedades humanas estão em constante transformação e os cemitérios constituem-se vestígios a céu aberto que propiciam aos historiadores interpretações históricas dessas sociedades. São fontes escritas



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

e não escritas para a reconstrução do passado, pois viabilizam a compreensão das relações sociais que se desenvolvem continuamente dentro de determinado grupo social⁶.

No caso do nosso objeto de estudo, o Cemitério Parque Jardim do Éden, o próprio nome já nos remete à ideia de origem, perfeição, ou seja, o paraíso, um lugar onde se tem vida eterna, ao contrário da “frieza” da morte do século IV, onde os sepultamentos eram realizados nos pátios das igrejas e até mesmo dentro delas. Ali os mortos eram esquecidos, sem jazigo, sem flores, sem reverências, sem identificação, ou melhor, não havia nada de concreto que ajudasse a cultivar a memória de um ente querido. A partir do século XVII, começa a faltar espaço para esse tipo de sepultamento e, com isso, surgem os cemitérios seculares fora dos limites da cidade. Além da falta de espaço, podemos mencionar mais duas problemáticas:

Por um lado, a saúde pública estava comprometida pelas emanções pestilentas, pelos odores infectos provenientes das fossas. Por outro, o chão das igrejas, a terra saturada de cadáveres dos cemitérios, a exibição dos ossários violavam permanentemente a dignidade dos mortos. Reprovava-se a igreja por ter feito tudo pela alma e nada pelo corpo, por se apropriar do dinheiro das missas e se desinteressar dos túmulos [...] Os mortos não mais deviam envenenar os vivos, e os vivos deviam testemunhar os mortos, através de um verdadeiro culto leigo, sua veneração. Os túmulos tornavam-se o signo de sua presença para além da morte⁷.

Além disso, temos também o que Foucault caracteriza como o medo da cidade, que se constitui a partir dos séculos XVII e XVIII. Além das epidemias e da violência, incluso na lista de medos está o cemitério, um dos “pequenos pânico” da sociedade urbana, segundo Foucault, principalmente de Paris. Cita como exemplo, o Cemitério dos Inocentes, que se localizava no centro da cidade, local:

[...] onde eram jogados, uns sobre os outros, os cadáveres das pessoas que não eram bastante ricas ou notáveis para merecer ou poder pagar um túmulo individual. O amontoamento no interior do cemitério era tal que os

⁶ BELLOMO, 2000, p.15.

⁷ ARIÈS, 1977, p.77.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

cadáveres se empilhavam acima do muro do claustro e caíam do lado de fora. Em torno do claustro, onde tinham sido construídas casas, a pressão devido ao amontoamento de cadáveres foi tão grande que as casas desmoronaram e os esqueletos se espalharam em suas *caves* provocando pânico e talvez mesmo doenças. Em todo caso, no espírito das pessoas da época, a infecção causada pelo cemitério era tão forte que, segundo elas, por causa da proximidade dos mortos, o leite talhava imediatamente, a água apodrecia, etc. Este pânico urbano é característico deste cuidado, desta inquietude político-sanitária que se forma à medida em que se desenvolve o tecido urbano⁸.

As razões político-sanitárias seriam então, segundo Foucault, responsáveis pela individualização dos túmulos a partir do final do século XVIII, e não o respeito ao corpo em si, como alguns poderiam acreditar. “Nada na teologia cristã levava a crer ser preciso respeitar o cadáver enquanto tal. O Deus cristão é bastante Todo-Poderoso para poder ressuscitar os mortos mesmo quando misturados em um ossuário”⁹. Foucault defende que os procedimentos de individualização dos túmulos e dos cadáveres, além do uso de caixões, foram medidas:

[...] político-sanitárias de respeito aos vivos. Para que os vivos estejam ao abrigo da influência nefasta dos mortos, é preciso que os mortos sejam tão bem classificados quanto os vivos, ou melhor, se possível. E assim que aparece na periferia das cidades, no final do século XVIII, um verdadeiro exército de mortos tão bem enfileirados quanto uma tropa que se passa em revista. Pois é preciso esquadrihar, analisar e reduzir esse perigo perpétuo que os mortos constituem. Eles vão, portanto, ser colocados no campo e em regimento, uns ao lado dos outros, nas grandes planícies que circundam as cidades¹⁰.

Pode-se também problematizar a questão do próprio corpo do falecido(a) na Idade Média, pois o pensamento da época estava voltado a ponderar que somente a partir da morte teriam a vida e a salvação eterna. A preocupação estava com a alma e sua salvação e não com o corpo; com isso, a medicina não teria utilidade, ela não curava, o homem não curava, o importante nesse momento era a alma e não o corpo. Uma capacidade de modernizar e

⁸ FOUCAULT, 1984 p. 87.

⁹ op.cit.p. 89.

¹⁰ op.cit.1984, p.90.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

civilizar o corpo que não estava presente na Idade Média¹¹. Em outras palavras, o que se observa nesse momento é uma mudança no modo de morrer e inclusive no modo como são tratados os corpos. Agora os cemitérios não se localizam mais nos centros, estão nas periferias. Isso para a segurança da população.

Esses cemitérios tradicionais, com suas formas sólidas, frias, cinzentas, que nos lembram dolorosamente que estamos no “território dos mortos”, a partir do século XX vão dando espaço para os cemitérios parques, principalmente para aqueles que podem pagar por um espaço “privilegiado”.

Antigamente, enterrava-se diante da imagem de Nossa Senhora, ou na Capela do Santo Sacramento. Agora queria-se não só que se voltasse ao lugar exato onde o corpo havia sido colocado, mas também que esse lugar pertencesse, como propriedade exclusiva, ao defunto e sua família. Foi então que a concessão da sepultura tornou-se uma certa forma de propriedade, subtraída, ao comércio mas com perpetuidade assegurada. Foi uma grande inovação. Vai-se, então, visitar o túmulo de um ente querido como se vai à casa de um parente ou a uma casa própria, cheia de recordações¹².

Ainda nessa lógica de ressignificação dos cemitérios e do sentido da morte, Ariès coloca que:

A partir do século XVIII, o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo. Exalta-a, dramatiza-a, deseja-a impressionante e arrebatadora. Mas, ao mesmo tempo, já se ocupa menos de sua própria morte, e, assim, a morte romântica, retórica, é antes de tudo a morte do outro – o outro cuja saudade e lembrança inspiram nos séculos XIX e XX o novo culto dos túmulos e dos cemitérios¹³.

Nestas novas formas cemiteriais e, conseqüentemente, dos sepultamentos, como é o caso do Jardim do Éden, não existem construções suntuosas, apenas pequenas lápides de identificação, onde o morto é reverenciado por flores e pelas visitas dos amigos e familiares.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

¹² ARIÈS, 1977, p.77.

¹³ ARIÈS, 1977 p. 66.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

Tal modelo não favorece a expressão artística e plástica da arquitetura mortuária. Aliado a esse “modernismo”, permanecem entre nós os cemitérios tradicionais, onde toda essa “arte” pode ser contemplada. “Os velhos cemitérios eram propriedade da Igreja, como antigamente na Europa e como ocorre ainda na Inglaterra; os novos cemitérios pertenciam a associações privadas, como sonhavam os projetistas franceses do século XVIII”¹⁴. E no caso brasileiro e de tantos outros países, a maioria pertence ao Estado ou a particulares. Nas novas formas cimiteriais “em vez das evidências alegóricas encontradas nos antigos cemitérios oitocentistas, com seus cenários operáticos, de convulsiva dramaticidade, o que os novos espaços de enterramento se propõem é diluir todo e qualquer resquício da morte. Quanto menos evidente, mais distante é a idéia da morte [...]”¹⁵.

Ao entrarmos no Jardim do Éden, a visão tradicional de um lugar assombrado é desconstruída, quebrada por uma série de elementos que caracterizam esse espaço muito mais de vida do que de morte. Um deles pode ser associado ao cemitério como um parque, onde encontramos bancos para que as pessoas possam sentar e apreciar a paisagem, pois é um espaço muito arborizado e relativamente afastado da cidade. A própria propaganda institucional, no momento de lançamento do projeto, tinha esse apelo. “Será um lugar agradável e sereno. Um ambiente tranquilo, em contato com a natureza, propícia a oração e a saudade”¹⁶. Deparamo-nos, por exemplo, com um senhor cortando a grama do espaço da família. O espaço tinha um banco, como retrata a foto 02, e o senhor que observamos parava de vez em quando para analisar o seu trabalho e descansar sob a sombra de uma árvore. Para Motta “Os novos espaços cimiteriais parecem refletir um outro tipo de realidade: superfícies gramadas, com jardins que mais se assemelham à imagem do Éden e sua eterna primavera, parques temáticos espetacularizados que conferem ao espaço do morto a inequívoca marca do *kitsch* funerário *high tech*[...]”¹⁷.

Ao contrário do que a maioria das pessoas imagina, esse novo projeto de cemitério não é tão recente assim, como coloca Ariès: “Os autores de projetos de cemitérios do século

¹⁴ ARIÈS, 1977, p.92.

¹⁵ MOTTA, 2009, p.74.

¹⁶ Primeiro folder institucional sobre o Cemitério Parque Jardim do Éden.

¹⁷ op.cit. 2009, p.74.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

XVIII, desejam que estes sejam ao mesmo tempo parques organizados para a visita familiar e museus de homens ilustres, como a catedral de Saint – Paul, em Londres”¹⁸.

Foto 02: Imagem da área central do Cemitério Parque Jardim do Éden.



Fonte: arquivo pessoal das autoras. Imagem registrada em 12/12/2012.

Em relação aos preços, há uma significativa diferença de valor, dependendo de qual área do cemitério for sepultada a pessoa. Os terrenos mais caros do Jardim do Éden estão localizados na entrada do cemitério, e os mais baratos no final, tendo o tamanho padrão de 3 x 2,5 metros¹⁹. Podemos observar na imagem 3²⁰ a planta do cemitério. Na entrada do parque, os jazigos situados na parte rosa, dentro da delimitação da cruz, custam R\$ 24.000,00²¹ e podem receber até 4 corpos imediatos²². Na parte de cor laranja, os terrenos valem R\$ 8.250,00. Nas laterais à frente, de cor verde mais escura, o valor é de R\$ 10.400,00 e os jazigos são duplos.

¹⁸ ARIÈS, 1977 p. 77-78.

¹⁹ Informações obtidas no departamento administrativo do cemitério.

²⁰ Imagem obtida no material institucional do Cemitério Parque Jardim do Éden.

²¹ Informações sobre valores constam no folder institucional do Cemitério Parque Jardim do Éden de 2014.

²² Segundo a administração do cemitério, um corpo leva três anos para se decompor. Com isso, se a família quiser, pode colocar os restos mortais de uma pessoa em uma caixa funerária menor. Se for feito isso com todos os corpos do jazido quádruplo, podem ser enterrados até 32 pessoas no mesmo terreno. No jazido duplo, 16 pessoas e no simples 8 pessoas. Isso se as pessoas que forem enterradas no local morrerem num intervalo mínimo de três anos.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

Já no Jardim das Azaléias, de cor verde mais clara, o espaço fica no valor de R\$ 4.300,00 e somente uma pessoa poder ser enterrada por vez. Além do custo do terreno, ainda se paga uma manutenção anual em torno de R\$ 100,00. Enterrar um ente nas partes mais nobres, onde todos passam e vêem, é sinônimo de status, significa que essa pessoa foi “importante” ou então que sua família possui uma situação financeira boa.

Foto 03: Mapa do Cemitério Parque Jardim do Éden.



Fonte: Folheto institucional do Cemitério Parque Jardim do Éden, de 2014.

Podemos observar também na planta do cemitério que ele foi projetado no formato de objetos religiosos do cristianismo. Na entrada, as capelas foram projetadas em forma de cálice



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

com uma hóstia e a parte mais nobre foi projetada na figura de uma cruz. Outra característica marcante do Jardim do Éden, e de outros cemitérios parques, é a substituição dos grandes túmulos por pequenas lápides. Além da identificação do morto, em muitas delas podemos notar que há mensagens, como uma forma de caracterizar a passagem do ente pela vida terrena. O ritual de ir ao cemitério levar flores, também se encaixa nesse pensamento de que devemos ir visitar os mortos, como se estivéssemos falando para a pessoa que não nos esquecemos dela. Há no túmulo ainda, coberto de grama, um espaço para a colocação de flores, isso causa a impressão de estarmos em um imenso jardim. Essa característica nova de vida dos cemitérios parques, veio ao encontro do novo sentido que se deu também à morte, ao ritual de veneração do ente. Mudanças em relação ao sentido de morrer e da morte que podem ser percebidas ainda nos séculos XVIII e XIX, onde se passou a realizar uma:

[...] série de ritos novos: o embalsamento do corpo, a fim de restituir-lhe as aparências de vida; a exposição no salão de um *funeral home*, onde o morto recebe pela última vez a visita de seus parentes e amigos, em meio a flores e música; exéquias solenes, enterros e cemitério projetados como parques, embelezados por monumentos e destinados à edificação moral dos visitantes, mais turistas que peregrinos²³.

Cabe pontuarmos algumas mensagens deixadas para os entes no Parque Jardim do Éden. Podem ser visualizadas, em sua maioria, nas lápides de pessoas relativamente jovens, numa faixa etária de 12 a 52 anos. Essas mensagens retratam que a morte de uma pessoa jovem marca com mais profundidade os familiares do que a morte de uma pessoa mais velha, que é vista como alguém que “já cumpriu sua missão, pode descansar em paz”. Citamos aqui algumas que encontramos:

Você estará conosco em cada uma de nossas lágrimas, e em cada um de nossos sorrisos... Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém. Eternas saudades, de seus familiares! (32 anos)

²³ ARIÈS, 1977, p. 245.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

Trocaste este vale de lágrimas pelo reino no céu. Sempre foste bom a todos. Obrigado. Pais e irmãos. (20 anos)

Não existe distância entre o céu e a terra. Você partiu deixando muita saudade, estará sempre entre nós. Que a luz divina abra seu caminho e que Deus te ilumine. Amém. Te amamos muito. (12 anos)

Cris, você e seu sorriso nos deixaram uma imagem linda de brilho, alegria e amor. Nunca te esqueceremos, você sempre ficará em nosso meio. Te amamos muito. Teus familiares. (Imagem de uma jovem)

Nesse sentido, Elias ressalta que:

A imagem da morte que prevalece nas sociedades mais desenvolvidas é fortemente influenciada por esse conhecimento reconfortante. As pessoas bem sabem que a morte chegará; mas saber que ela é o fim de um processo natural ajuda a aliviar a angústia. [...] O sonho do elixir da vida e da fonte da juventude é muito antigo, mas só assumiu uma forma científica – ou pseudocientífica – em nossos dias. A constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adiá-la mais e mais com a ajuda da medicina e da previdência, e pela esperança de que isso talvez funcione²⁴.

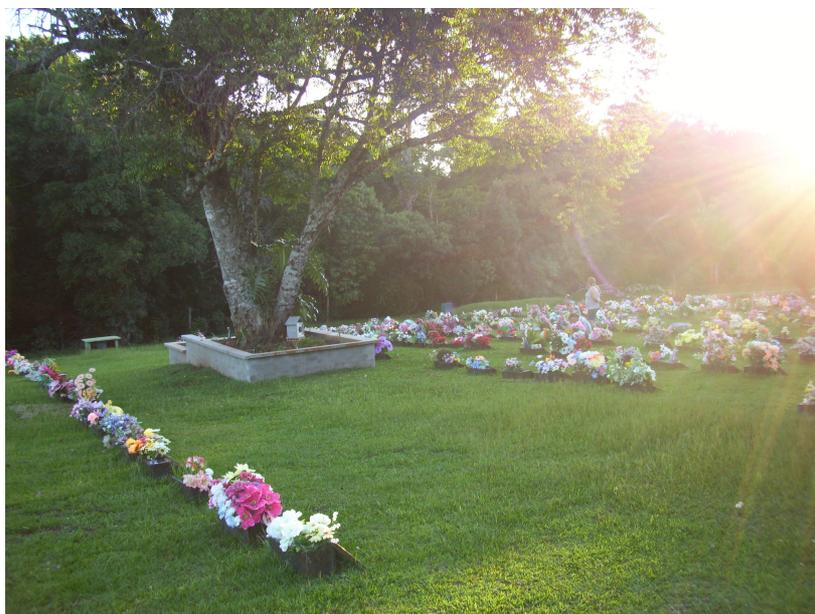
E as mensagens que encontramos nas lápides refletem o que diz Elias: a morte é inevitável, mas a esperança de reencontro em outra dimensão é nítida em muitos deles, como uma forma de consolo para a cruel separação física do ente que se foi. O cemitério parque conjectura no imaginário a visão de céu desejado após a morte: com toda sua paisagem que remete a um jardim, como podemos ver na foto 04, ele cria a ilusão de que estamos no tão desejado e imaginado paraíso, e nos sentimos reconfortados de termos nossos entes em tão lindo lugar, imaginando também que lá estaremos um dia.

Foto 04: Vista parcial do Jardim do Éden

²⁴ ELIAS, 1982 p.56.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck



Fonte: arquivo pessoal das autoras. Imagem registrada em 12/12/2012.

Outro destaque de nossa pesquisa são as fotografias que encontramos nas lápides. Estas permitem remontar a outro tempo, desencadeando representações dessas pessoas; e para os visitantes, o imaginário é provocado. Com isso, podemos idealizar essa pessoa fisicamente, e para os que são da família, ter a sensação de que o ente está mais próximo a nós. As imagens são, nesse caso, um exemplo da preocupação em manter viva a imagem e, conseqüentemente, a memória desse indivíduo. Em sua maioria, essas fotografias retratam uma expressão feliz, o que geralmente é uma escolha proposital, com a qual queremos ter a impressão de que a pessoa está em paz, como se dissesse “Estou bem, não fique triste”. Ao olhar a fotografia temos muitas vezes a impressão que essa pessoa se encontra ainda conosco, ou seja, esse olhar nos sugere proximidade do ente. É essa imagem que poderá nos fazer sentir a perda, mas também é ela que tem a capacidade de trazer conforto, pois seu semblante pode transmitir a paz que desejamos sentir.

Em contraponto a esta visão de um Jardim, chegamos à parte final do cemitério, dividida no parque por um terreno baldio. Segundo o administrador do espaço, na época da criação do local, uma das exigências para liberação da documentação de funcionamento foi a concessão de determinada área para uso de pessoas que não tivessem condições de pagar.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

Naquele momento, o cemitério municipal de Chapecó já começava a ter problemas com pouco espaço. Na ocasião, o cemitério parque cedeu 1800 sepulturas, mas atualmente são usadas em torno de 3000 nesse local, uma quantidade bem acima do que foi previsto. Não há mais espaço para novos sepultamentos nessa área e algumas medidas estão sendo pensadas para abrir novas vagas.

Nesse local, encontramos um cemitério “tradicional”, com uma parte de túmulos de concreto e outra apenas de cruzeiros. Esse cemitério à parte possui mais elementos religiosos como cruzeiros e santos, o que não aparece no restante do parque. Nesse local, a maioria dos túmulos é parecida, confeccionados de maneira simples e tradicional, apenas de concreto pintado ou de azulejos, e muito poucos de mármore, como podemos notar na foto 05. Esse local evidencia dentro do parque a estratificação social que a sociedade está sujeita. Segundo a direção do Cemitério Parque, as famílias que não tem condições econômicas para pagar por um terreno melhor localizado dentro do cemitério ou então no cemitério municipal de Chapecó, acabam optando por esse local, onde o valor é bem menor. Como pontua Bellomo, “os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e reproduzem as classes sociais [...] a morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais”²⁵.

²⁵ Bellomo, 2000, p.13.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

Foto 05: Vista parcial do Parque Jardim do Éden.



Fonte: arquivo pessoal das autoras. Imagem registrada em 12/12/2012.

Ao encontrarmos uma família que visitava seus entes, perguntamos do porque dessa parte do cemitério tão separada e diferente do parque. Relataram-nos que essa parte dos fundos era municipal, que ali eram sepultadas as pessoas que não tinham dinheiro para comprar um terreno no parque. Relataram também que pagavam R\$ 78,00 por ano de taxa para a prefeitura e que os túmulos deveriam obrigatoriamente ser encomendados com o pessoal do jardim, que não podiam fazer com outra empresa.

Ainda existe uma última parte do cemitério, bem aos fundos, onde encontramos as sepulturas apenas identificadas com cruzeiros, em madeira ou metal, na sua maioria. Esse é o local onde são sepultados os indigentes. Percebemos também que as covas abertas à espera de um corpo não são cimentadas, dando a impressão que nesta parte as pessoas são enterradas na terra mesmo. Os cuidados com os sepulcros ali também são diferentes do que no restante do parque. Nota-se a quase total ausência de flores, velas e outros elementos comuns em cemitérios, ou seja, há um total abandono das sepulturas. Quando saímos do parque, sentimos que as diferenças sociais que percebemos diariamente por onde passamos, estão tão presentes dentro do cemitério quanto fora dele. As pessoas com poder aquisitivo menor são marginalizadas para o fundo tanto quanto são estratificadas para as periferias das cidades.



Algumas reflexões

*A morte é um problema dos vivos*²⁶.

Podemos descrever essa experiência como fascinante e, ao mesmo tempo, perturbadora. Fascinante porque estávamos num cemitério, que tradicionalmente nos causa arrepios, mas nos sentíamos num agradável passeio, deslumbradas com o colorido das flores, o cuidado de um senhor cortando a grama no espaço da família, parando seu trabalho para sentar num banco em uma bela sombra para descansar; o encanto de uma criança ajoelhada acendendo uma vela; e perturbadora no momento em que sentimos um aperto no peito ao vislumbrarmos uma família sentada na grama chorando e orando por seu ente, além da dolorosa certeza que nem na hora da morte somos iguais.

[...] Independentemente das imagens que suscita e dos meios que os vivos mobilizam para superá-la, a morte é sempre ruptura radical, por isso ainda hoje continua sendo objeto de uma série de atitudes ritualizadas, senão coletivas, individualizadas, mesmo que as morfologias tumulares, as dinâmicas sociais e seus sistemas de representação em nada mais se assemelhem às dos antigos cemitérios, que buscavam eternizar, por meio da pedra e de outros elementos alegóricos, os elos intersubjetivos que a morte foi capaz de desagregar²⁷.

Falar sobre a morte ainda não é natural, um custo para algumas pessoas admiti-la, e para a maioria um assunto tabu para se falar com crianças. A morte é pensada como parte final de um processo que tem início, meio e fim, por isso da incompreensão maior na morte de crianças, pessoas jovens e também nas mortes trágicas. “A morte violenta não se deixa domar tão facilmente. O suicídio também, enquanto assassinato de si mesmo, quando nos afeta, repete essa dura lição. Que lição? Que talvez, toda morte seja uma espécie de assassinato”²⁸.

²⁶ ELIAS, 2001, p.10.

²⁷ MOTTA, 2009, p.87.

²⁸ RICOUER, 2007, p. 371.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

No meio acadêmico, já temos muitos pesquisadores que tem como objeto de análise a morte e os cemitérios, mas toda a complexidade que esse tema abrange, ainda é pouco discutida nas salas de aula com acadêmicos dos cursos de graduação e pós- graduação. E esses temas ficam ainda mais problemáticos quando falamos em educação básica, pois segundo Elias (2001), pensamos a morte como uma última etapa do processo biológico e, por isso deixamos para refletir sobre ela quando estamos velhos. Além do mais, falar sobre morte e levar alunos para visitar o cemitério parece absurdo tanto para alguns professores quanto para muitos alunos e pais. Em seu artigo sobre cemitérios como espaço educativo, Rigo afirma

Essa dificuldade de aceitar um tema considerado “pesado” para ser abordado por adolescentes em plena vitalidade corporal e mental está associada à falta de informações sobre a contribuição histórica, artística, cultural e religiosa que o campo santo pode oferecer e também à ideia supersticiosa de que tratar sobre a morte pode acabar atraindo-a²⁹.

Os elementos discutidos ao falarmos sobre morte e cemitérios são inúmeros e complexos, pois envolvem questões sociais, econômicas, religiosas e culturais. Pontuamos neste trabalho apenas algumas questões que chamaram mais a nossa atenção na visita ao Cemitério Parque Jardim do Éden, e que conseguimos analisar melhor com as leituras referenciais dos autores citados. Mesmo identificando diferenças entre cemitérios tradicionais e parques, os mesmos são ainda espaços consagrados como um lugar onde não gostaríamos de ter razões para entrar.

De fato, a sepultura não é somente um lugar à parte de nossas cidades, esse lugar chamado cemitério onde colocamos os despojos dos vivos que retornam ao pó. Ela é um ato, o ato de enterrar. Esse gesto não é pontual; não se limita ao momento do enterro; a sepultura permanece, porque permanece o gesto de sepultar; seu trajeto é o mesmo do luto que transforma em presença interior a ausência física do objeto perdido. A sepultura como lugar material torna-se, assim, a marca duradoura do luto, o resumo do gesto de

²⁹ RIGO, 2012, p.109.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

sepultura. [...] A imagem de cemitério [...] a imagem forte da ausência definitiva dos falecidos³⁰.

Talvez a construção desses parques seja uma forma de trazer conforto para as pessoas ao pensar ou conviver com a morte, ou ainda uma forma de adiar a ideia dela, ou mesmo de ignorar sua existência sob a forma dos elementos aqui apresentados que compõem o parque, fazendo pensar mais na vida do que na morte.

A sensação de paz que esses parques transmitem está no imaginário das pessoas, eles são construídos com finalidade de transmitir tranquilidade e uma ilusão de calma. Mesmo com a constituição desses espaços arborizados, pode-se dizer que falar sobre morte ainda não é simples para muitas pessoas, pois o medo do fim e a incerteza de não saber para onde vamos não nos deixa tranquilos.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BELLOMO, Harry R (org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.
- ELIAS, Norbert. *A Solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- Le GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MOTTA, Antonio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 24 n° 71 outubro/2009.
- RICOUER, Paul. A representação historiadora. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Unicamp, 2007, p.247-301.

³⁰ RICOUER, 2007, p.377-378.



(Re) significado da morte nos cemitérios parques: o Cemitério Parque Jardim do Éden – Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck

RIGO, Kate Fabiani. *Cemitérios: um espaço religioso e educativo*. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST. São Leopoldo: EST, v.1, 2012. p.106-120.

SILVA, José Solon Sales. *Cemitério – Patrimônio Cultural e Atrativo Diferencial: um estudo sobre o Cemitério São João Batista de Fortaleza*. In: MARTINS, Clerton (org.) *Patrimônio Cultural – Da Memória ao sentido de Lugar*. São Paulo: Roca, 2006.

Recebido em 16 de junho de 2014

Aceito para publicação em 31 de março de 2015

